

MINISTÉRIO DA CULTURA,
PREFEITURA DE BELO HORIZONTE,
GERDAU E GRUPO ZELO APRESENTAM:

UM PROJETO DO
MM GERDAU - MUSEU DAS MINAS E DO METAL

CARTILHA

O mUSeU
atrAVEssA
A cIdADE

2ª EDIÇÃO



BELO HORIZONTE | 2024

Esta cartilha foi realizada com recursos da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

índice

Sobre o Museu	4
Projeto: O Museu Atravessa a Cidade	5
Ao Educador	6
Percursos na Educação Infantil	7
Atravessamentos	9
Narrativas a Muitas Mãos	10
Atividades Educativas	11
Eixo 1 - Étnico-Racial	12
• Notas da Travessia	12
• Confecção e Pintura de Máscaras Africanas	14
Eixo 2 - Gênero e Mineiridades	17
• Notas da Travessia	17
• Moldando Argila	19
Inspirações para o Universo Infantil	21
Vamos Falar em Libras?	22
Notas em terra firme	24
Outras Travessias	24
Referências Bibliográficas	26

SOBRE O MUSEU

O **MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal** é um museu de ciência e tecnologia que apresenta, de forma lúdica e interativa, a história da mineração e da metalurgia. Aberto ao público em junho de 2010, integra o Circuito Liberdade, um complexo cultural sob gestão da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais - Secult, que reúne diversos espaços culturais com as mais variadas formas de manifestação de arte e cultura em transversalidade com o turismo. Nas 20 áreas expositivas do MM Gerdau, estão 44 exposições que apresentam, por meio de personagens históricos e fictícios, os minérios, os minerais e a diversidade do universo da Geociências.

Desde sua abertura, o Museu recebeu mais de 1 milhão e 600 mil visitantes, com público virtual de 21 milhões de

pessoas desde 2019, e uma programação cultural que atendeu mais de 280 mil participantes ao longo de sua trajetória. Neste contexto, o Educativo do Museu tem a missão de acolher os visitantes nessa viagem pelas Minas e pelo Metal, tendo atendido cerca de 190 mil pessoas em ações educativas presenciais e virtuais desde 2010. O **MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal** é financiado via Lei Federal de Incentivo à Cultura, possui o patrocínio da Gerdau, o apoio da CBMM e é integrante do Circuito Liberdade, por meio de parceria realizada com a Secretaria de Estado de Cultura e Turismo (Secult-MG) do Governo de Minas Gerais. Já o projeto “O Museu Atravessa a Cidade” é realizado pelo Museu, por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte, e tem patrocínio do Grupo Zelo.



PROJETO:

O MUSEU ATRAVESSA A CIDADE

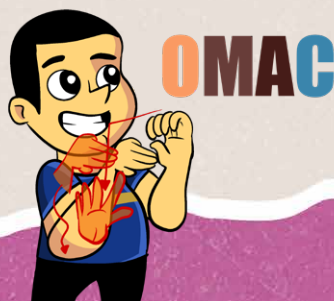
O projeto **“O Museu Atravessa a Cidade”** tem como objetivo realizar ações educativas com crianças na faixa-etária entre 4 e 5 anos, em escolas e creches credenciadas da rede municipal de ensino da cidade de Belo Horizonte. Os eixos temáticos de suas atividades educativas perpassam questões étnico-racial, gênero, meio ambiente, ciência, sustentabilidade e cultura, em conexão intrínseca com os conteúdos expográficos do Museu, visando a descentralização do acesso à cultura e aos conteúdos e práticas museais. Além disso, as ações também propõem a ampliação do diálogo científico e cultural com a cidade, estendendo o alcance territorial do museu para outras regiões de Belo Horizonte. O projeto **“O Museu Atravessa a Cidade”** faz sua segunda travessia. Em sua primeira edição, no ano de 2022, o projeto atendeu 1.001 alunos, 422 professores em 10 escolas de Belo Horizonte.

“O Museu Atravessa a Cidade” é realizado pelo MM Gerda, por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte, tem patrocínio do Grupo Zelo e prevê, além das ações educativas realizadas nas escolas parceiras, a construção e distribuição de um material pedagógico que incentive e possibilite

a extensão do programa educativo da escola: **O kit pedagógico do projeto “O Museu Atravessa a Cidade”**.

O kit é composto por amostras mineiras variadas, além dos materiais necessários para a reprodução das oficinas de forma autônoma pelas professoras e agentes culturais: os moldes das máscaras africanas, argila, pigmentos mineiros variados e a **cartilha educativa “O Museu Atravessa a Cidade”**, que contém informações gerais, tutoriais das oficinas e conteúdos educativos relacionados às temáticas do projeto.

Assim, esta cartilha foi desenvolvida para auxiliar o profissional de educação que desejar reproduzir as práticas pedagógicas realizadas no projeto ou a desenvolver suas próprias atividades de forma autônoma, visando a continuidade das propostas educativas, que abarcam os eixos temáticos do projeto citados acima, além da multiplicação de suas potencialidades com indivíduos de todas as idades na comunidade escolar.



AO EDUCADOR

Olá, viajante! Aqui embarcamos para te convidar a viajar conosco em histórias e atividades educativas, desenvolvidas para discutir temas de relevância étnico-racial, gênero, meio ambiente, ciência, sustentabilidade e cultura. Nosso objetivo é trabalhar esses assuntos de forma coletiva, lúdica e transversal, com o intuito de contribuir para a formação de indivíduos, que reconheçam e respeitem a diversidade de saberes, conhecimentos e culturas.

A realização das atividades e práticas em sala de aula, que contemplem assuntos de relevância cultural e científica, contribuem para a expansão do universo de aprendizado da criança, apresentando-lhe novos mundos e novas formas de interpretar o que ela já conhece.

A sua participação enquanto educador(a) nesse processo é muito significativa e tem potencial de ajudar a traçar novos rumos para a coletividade. Portanto, o fomento de ações, que expandam as propostas educativas para além do ambiente escolar, são indispensáveis para a continuidade da formação desses indivíduos e da comunidade, envolvendo todos por meio da educação, cultura e ciência no combate contra a discriminação racial e de gênero.

O propósito deste projeto é, então, possibilitar, desde a primeira infância, o desenvolvimento de sujeitos capazes de perceber sua identidade cultural, fortalecer laços e valorizar a diversidade cultural, científica, de gênero e raça presentes em nossa sociedade. Assim, esta cartilha será sua companhia nas nossas jornadas pelas Áfricas, pelas Minas Gerais e por tantos outros territórios reais ou fantásticos por onde a prática educativa é capaz de nos levar.



PERCURSOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A presença de práticas e atividades que incentivem a discussão de temas relacionados às relações étnico-racial, gênero, meio ambiente, ciência, sustentabilidade e cultura são indispensáveis no planejamento pedagógico da educação infantil.

A formação do pensamento crítico começa na primeira infância, se desenvolve junto com o processo de criação da identidade cultural da criança e é parte essencial do combate ao racismo e à discriminação racial e de gênero.

Desta forma, a presença de atividades e discussões sobre esses temas no dia a dia da criança, neste período de 4 a 5 anos, possibilita o surgimento de um espaço seguro para aceitação e apreciação da diversidade social e cultural, assim como incentiva o desenvolvimento saudável de sua identidade.

O ensino e as discussões de temas de relevância étnico-racial estão previstos na Lei Federal no.10.639/2003 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais



Existem muitas formas de discutir questões importantes com crianças de todas as idades.

Adaptar as atividades às necessidades do presente é uma prática necessária e constante.

e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Elas estabelecem um pilar político-pedagógico de ensino, reconhecendo e valorizando as influências africanas na formação da sociedade brasileira e do protagonismo da população afro-brasileira na formação social do país.

Já a necessidade da discussão de temas que evidenciem as questões de gênero está prevista nas diretrizes curriculares da Educação Infantil. Assim, as práticas educativas do projeto **“O Museu Atravessa a Cidade”** contribuem para a sensibilização contra a discriminação étnico-racial, perpassando também na construção de novas formas de sociabilidade, que reflitam ativamente sobre a desigualdade entre homens e mulheres, e promovam práticas para a equidade de gênero.

¹ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

² https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf

³ http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf

Os indivíduos experienciam a desigualdade e o preconceito de gênero já na infância, quando meninas e meninos são incentivados, de forma desigual, a reproduzirem certos comportamentos ou a se engajarem em atividades como ciências, esportes, artes, entre outras. Dessa forma, as atividades previstas no projeto buscam, ao ressaltar a representatividade feminina na preservação da cultura e do patrimônio cultural mineiro, valorizar seu trabalho, seus conhecimentos e sua relevância, ao mesmo tempo que desvelamos a discriminação e desafios que elas enfrentam dentro de uma estrutura social, que ainda desvaloriza as pessoas do gênero feminino.

Portanto, entendendo que a educação museal também possui um papel a desempenhar nesse processo pedagógico, por meio das ações do projeto **“O Museu atravessa a cidade”**, buscamos uma atuação educacional, que fomente a equidade e o combate contra a discriminação racial e de gênero.

Por meio de um trabalho coletivo que busque o intercâmbio e a colaboração entre os espaços de ensino e aprendizagem, principalmente entre museu e escola, deseja-se também viabilizar, de forma contínua, o desenvolvimento de atividades que reconheçam e valorizem as inúmeras heranças e presenças dos povos africanos na nossa língua, cultura, tecnologia, ciência e sociedade.

Dicas de Leitura

A educação na cidade
- Paulo Freire

Superando o racismo na escola
- Kabengele Munanga (org.)

Educação Infantil: práticas promotoras de igualdade racial
- MEC

O Livro das Invenções
- Marcelo Duarte



O combate ao racismo e às discriminações de gênero, socioeconômicas, étnico-raciais e religiosas deve ser objeto de constante reflexão e intervenção no cotidiano da educação infantil.
(BRASIL, 2004, p. 10).

ATRAVESSAMENTOS

A inclusão de atividades e dinâmicas que empreguem outros sentidos, para além da visão, permite que as crianças experimentem o mundo de formas diversas. Principalmente na primeira infância, a presença de estímulos sensoriais, que vão além da visão, são essenciais para a exploração do mundo.



Pensando nisso, as atividades propostas pelo projeto **"O Museu Atravessa a Cidade"** incentivam a experimentação por meio de uma travessia que é também artística; convidam o corpo ao movimento junto às cantigas; a audição, por meio da contação de histórias; e também mobilizam o tato, um sentido tão proeminente no desenvolvimento da criança e em seu processo de reconhecimento e travessia pelo mundo.

A descoberta de novos mundos é um exercício delicioso para a nossa curiosidade.

A criação de novas atividades, a experimentação e a busca por novas perguntas nos levam por outros caminhos e territórios surpreendentes!



NARRATIVAS A MUITAS MÃOS

Para construir as narrativas aqui apresentadas, é preciso que o(a) educador(a) tenha um olhar atento para o mundo que o rodeia: quais histórias são escolhidas, contadas e preservadas? Sob esse olhar atento, refletimos sobre o que é considerado precioso e decidimos quais histórias desejamos contar.

A forma como transmitimos uma narrativa sempre estará relacionada às nossas vivências, às nossas experiências e aos mundos que tivemos acesso. Assim, em vista de toda a sua potencialidade de mobilização individual e coletiva, utilizamos a contação de histórias como um recurso pedagógico fértil na educação infantil.

A mala, os minerais diversos e coloridos e as esculturas em argila são recursos imagéticos que permitem que o(a) educador(a) construa a sua própria história, podendo se inspirar na trama de outros enredos aprendidos ou descobertos. Os objetos, as personagens e a paisagem podem ser diferentes, já que a criação e a contação de uma história deve facilitar a continuidade dos saberes e o diálogo entre quem conta e seus interlocutores. Assim, convidamos o(a) educador(a) a

mergulhar nos recursos lúdico-pedagógicos oferecidos e a encontrar sua jornada de ensino.

As narrativas integrantes do projeto são **“Chico Rei e Rainha Djaló”** e **“Dona Izabel e as bonequeiras do Vale do Jequitinhonha”**, que se relacionam com as atividades práticas propostas e integrantes de um planejamento educativo para a discussão com o público infantil. As viagens fantásticas pelos territórios da África e pela riqueza do Vale do Jequitinhonha se entrelaçam às temáticas e às práticas pedagógica e artística das oficinas.



Práticas educativas como contação de histórias, danças, brincadeiras e jogos são muito potentes na aprendizagem da primeira infância!

Trabalhar temas relevantes através desses recursos lúdicos é uma boa pedida.

ATIVIDADES EDUCATIVAS

A história e as personagens *Rainha Djaló*, *Chico Rei* e *Dona Izabel* nos possibilitam pavimentar um caminho lúdico para discutir, com crianças de diversas faixas-etárias, as questões de relevância étnico racial e gênero, possibilitando uma nova forma de pensar conteúdos já presentes no cotidiano dos estudantes. Além disso, essas narrativas são recursos de valorização da riqueza e diversidade da cultura africana; dos ofícios tradicionalmente desempenhados por mulheres; do trabalho do barro e da cerâmica; da cultura popular mineira; do meio ambiente e de uma relação com os recursos naturais que busca a sustentabilidade.

A estrutura de atividades que integram a contação de histórias e a execução das oficinas, além de estimular a imaginação, incentiva a criança a se identificar e criar conexões afetivas com as personagens, habitando um espaço de acolhimento e incentivo ao desenvolvimento de habilidades essenciais na infância, como a oralidade, a cooperação, a participação em atividades coletivas, o uso da linguagem e, principalmente, a própria identidade cultural da criança, articulando seus saberes e experiências próprios, em um ambiente seguro e preparado para oferecer o suporte necessário nesse processo.



Lembre-se:
Você também pode criar suas histórias ou adaptar histórias existentes para te auxiliar em qualquer perspectiva que desejar.

EIXO 1 - ÉTNICO-RACIAL

CHICO REI E RAINHA DJALÓ

Chico Rei, antes de ser Chico foi Galanga, rei do Congo na África, capturado por portugueses comerciantes de escravizados e trazido, junto com Djaló, rainha do Congo, para o Brasil no século XVIII.

É o que o “narrador viajante” vem nos contar, trazendo consigo uma bagagem recheada de histórias, riquezas e conhecimentos, sobre o que esse rei e essa rainha nos contam dos povos da África que, antes de virem para o Brasil no cruel processo de escravização, já sabiam minerar ouro, moldar o ferro, fazer tintas com pigmentos minerais e até mesmo encontrar diamantes. Os viajantes voltam do Congo com a mala recheada de presentes e eles são para todos: para quem conta a história e para quem a ouve.

Notas da travessia

A escolha por contar a história de Galanga/Chico Rei desenha um encontro entre o fantástico, o histórico, as resistências dos povos africanos e a própria narrativa do museu, que é atravessada pela mineração e pela riqueza mineral, assim como a história de Minas Gerais. Escolher narrar uma viagem a faz transcender o tempo: no ato de contá-la, as crianças também viajam com quem conta. A imaginação as instiga a conhecer um território que é múltiplo e diverso, enquanto também são desconstruídas as visões tipificadas da África como um continente simples e uniforme.

Ao buscar um rei e uma rainha negros e africanos, as narrativas combatem a visão de que somente a Europa possuía riquezas, reis e rainhas. E Chico Rei que, assim como muitos africanos, conhecia sobre minas, metais e minerais. Sua história dialoga com a exploração dos negros no processo de escravidão e, ao se falar de sua resistência e luta por sua alforria, se percebe como era o trabalho nas minas, a extração das riquezas nelas contidas e como ele, tendo o conhecimento desse ofício, fez uso do seu saber e de sua sabedoria como ferramentas para sua libertação e de outros escravizados.



Do mesmo modo, é possível traçar um paralelo entre essa diversidade cultural e as crianças, cada qual um indivíduo com suas particularidades e identidades culturais. Assim, em companhia de Chico Rei e da Rainha Djaló, fazemos o convite para enxergar o mundo, seus habitantes e suas múltiplas culturas, em uma perspectiva igualitária.

No processo de criação coletiva, que integra a atividade de confecção e pintura das máscaras africanas, levamos as crianças a transportar para suas ações as expressões de suas vivências e personalidades, construindo e desvendando o mundo ao seu redor por meio da arte e suas possibilidades de experimentação.

A manifestação contemporânea mais conhecida da herança de Chico Rei é o Congado (TANAKA, 2015). O Congado é uma manifestação cultural e religiosa afro-brasileira ao mesmo tempo festiva e de resistência. Uma festa que coroa rainha e rei escolhidos e também festeja a devoção à diversas doutrinas e santos, como Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (SOUZA, 2014). Celebrado em várias partes do país, o Congado traz especificidades regionais nos seus cantos, toadas, danças e indumentárias, bem como os rituais africanos em suas sonoridades, máscaras e adornos.

A escolha por uma atividade que traz a pintura de máscaras africanas e a criação de tintas a partir de pigmentos

minerais materializa a possibilidade educativa de incentivar a experimentação artística da criança, assim como trazer elementos da arte tradicional africana, das cores e das indumentárias, entrelaçando a cultura, as tradições e a criatividade. Todos estes símbolos carregam traços de identidades culturais diversas, repletas por representações de ancestralidade, sendo um mergulho importante na história dos povos para compreender suas individualidades e características que, comumente, é substituída por uma visão homogênea e eurocêntrica.

Agora, após vivenciar as histórias, carimbar o passaporte e recheiar a mala de presentes, chegou a hora de esculpirmos e darmos vida e cores às nossas máscaras africanas, utilizando pigmentos minerais.

Dicas de Leitura

Ensino antirracista na educação básica

- Thiago Henrique Mota (org.)

Ensinando a Transgredir: A educação como prática de liberdade

- Bell Hooks

Pequeno Manual Antirracista

- Djamilá Ribeiro

Mulheres, Raça e Classe

- Angela Davis

CONFEÇÃO E PINTURA DE MÁSCARAS AFRICANAS

O que são pigmentos minerais?

Os pigmentos minerais são substâncias naturais utilizadas pelos seres humanos desde sua origem: para tingir tecidos e objetos, decorar a cerâmica e, em destaque, nas pinturas rupestres feitas em paredes rochosas.

Os diferentes tipos de solo, graças à sua composição química, são fontes ricas da matéria-prima de tintas naturais: fragmentos de minerais, de rochas e terras coloridas são alguns exemplos. Ao produzir as tintas a partir das fontes naturais, resgatamos uma sabedoria ancestral, enquanto também experimentamos, por meio da arte, os benefícios da rica diversidade mineral presente na África e no Brasil.

Assim, te convidamos a observar os solos por onde você passa todos os dias: talvez por um jardim ou por alguma construção: quais cores podemos encontrar por ali? Podem ser até mesmo dos solos que pisamos todos os dias: aquela terra mais avermelhada ou de um marrom bem escuro. Vale tudo: Podemos notar as cores dos temperos que consumimos: açafrão, urucum, cúrcuma, dentre outros, que são ótimos pigmentos vegetais. Quando se trata de pigmento mineral ou vegetal, quanto mais variados os elementos que observamos e coletamos, mais riqueza de cores e tons podemos criar!

O que são as máscaras africanas?

A confecção e o uso de máscaras também são parte das manifestações culturais dos seres humanos desde sua origem. Confeccionar uma máscara sempre foi um ofício que poderia ter diferentes objetivos: brincante, educativo, religioso e até artístico.

As máscaras são consideradas as obras de arte africanas mais conhecidas e prestigiadas no Ocidente, podendo ser encontradas nos museus desde o século XIX. Conquistaram grande notoriedade



após despertar considerável fascínio em um grupo de artistas europeus no início do século XX, do qual o espanhol Pablo Picasso era o representante mais conhecido.

O fascínio que as máscaras africanas provocam desde então nos faz indagar se a concepção de máscara compartilhada por muitos povos africanos é a mesma que a nossa. Se para nós a máscara representa um objeto que é usado na frente do rosto para esconder a identidade do seu portador, em muitas regiões da África este é apenas um dos elementos que compõem a ideia de máscara.

Tradicionalmente, para os povos africanos, as máscaras também possuem um caráter de transformação: com ela, é possível criar um novo eu, que se transforma e se torna mais corajoso, mais forte e até mais próximo das divindades, atendendo às necessidades rituais pessoais e coletivas. Geralmente confeccionada em madeira, a máscara engloba a ideia de totalidade, o que inclui o mascarado, os músicos e a audiência. É esse conjunto que dá sentido à performance. É o movimento que dá sentido à vida. Por isso, as cerimônias envolvendo mascarados atualizam nos ritos os mitos, colaborando para a manutenção e coesão da comunidade.



A atividade de confecção de máscaras africanas foi desenvolvida visando exaltar a diversidade cultural e as artes visuais do continente africano, que se relaciona diretamente com a diversidade e riqueza artísticas e culturais do Brasil. Da mesma forma, a confecção de tintas a partir dos pigmentos minerais busca salientar os conhecimentos e ofícios dos povos africanos em mineração, metalurgia e meio ambiente, criando uma relação de valorização das riquezas naturais e culturais do Brasil e da África.

No entrelaçar desses objetivos, te convidamos a reproduzir a atividade de confecção e pintura das máscaras africanas a partir dos moldes das máscaras que acompanham o Kit Educativo.

⁴ <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/download/11786/10356/21295>

HORA DA PRÁTICA!

Materiais necessários:

- Pigmentos minerais variados (podem ser encontrados em terras com cores diferentes e fragmentos de rocha);
- Pigmentos vegetais (opcional) (podem ser encontrados em temperos como urucum, cúrcuma e mostarda);
- Cola branca;
- Água;
- Potes pequenos de plástico;
- Pincéis de diferentes tamanhos;
- Molde das máscaras africanas (inclusos no Kit Educativo);
- Papel craft.



Mãos à massa!

1. Em potes pequenos, misture duas colheres de sopa do pigmento mineral de sua escolha em $\frac{1}{4}$ de xícara de água;
2. Depois disso, vá adicionando um pouco de cola branca, até ter a consistência semelhante à tinta látex;
3. Não se esqueça de experimentar cores com diferentes pigmentos e criar tintas variadas;
4. Tudo pronto, agora é só soltar a criatividade e pintar a sua máscara como desejar! Depois, é colocar no rosto e se divertir com a sua máscara única e personalizada.

A atenção à consistência da tinta é muito importante! Caso ela fique muito grossa, adicione um pouco de água. Caso fique muito rala, adicione cola.



EIXO 2 - GÊNERO E MINEIRIDADES

DONA IZABEL E AS BONEQUEIRAS DO VALE DO JEQUITINHONHA

Os narradores-viajantes atravessam o Vale do Jequitinhonha em um fusca. Estão nesta jornada porque ouviram falar de algumas mulheres daquela região que criam bonecas feitas de argila. No caminho, uma das rodas do fusca se solta e eles se veem desamparados. E agora? Mas lá longe vem uma senhora, andando devagar: É a Dona Izabel! Ela os vê naquela situação e logo vai ajudá-los.

Dona Izabel é uma senhora simples, moradora do Vale do Jequitinhonha. Na sua simplicidade e gentileza, os convida para comer e beber em sua casa. Uma vez lá, Dona Izabel os presenteia com suas inúmeras riquezas: as histórias que sabe contar, cheias de conhecimento e sabedoria sobre o lugar onde vive. Conta sobre como vive com os recursos da terra, usando-os de forma sustentável, mostra a cerâmica que sabe moldar com suas mãos à sua vontade e seu pão de queijo, também feito por ela.

Dona Izabel os convida a moldar a argila, os ensina que a terra pode ter muitas cores e também tomar muitas formas. O Jequitinhonha, onde ela mora desde que nasceu, é uma terra que conhece de cor essa magia ancestral de retirar a argila do solo, moldá-la e fazer bonecas, panelas, mingos e diversas outras peças.

Notas da travessia

O Vale do Jequitinhonha é uma região do Norte de Minas Gerais que, durante os séculos XVII e XVIII até meados do século XIX, viveu o extrativismo mineral em busca de ouro e diamante. Hoje, o Vale é território de uma notável riqueza para a cultura de Minas Gerais.

A região desafia as tipicidades de escassez erroneamente atribuídas ao sertão e abriga uma rica diversidade de comunidades, que preservam diferentes saberes, ofícios, fauna, flora e histórias.

A história de Dona Izabel e das bonequeiras do Vale do Jequitinhonha busca se aproximar do ofício de moldar argila, saber e técnica, que acompanham a humanidade desde suas origens e se desenvolveu junto com as comunidades.



Falar sobre artesanato com argila é também refletir sobre a presença desse material nos utensílios que usamos todos os dias e que são produzidos a partir de uma sabedoria e ofício ancestrais. Da mesma forma, trazer essas narrativas para a prática educativa é valorizar o trabalho de mulheres ceramistas e bonequeiras do Norte de Minas Gerais, que preservam um ofício artístico de sobrevivência e de resistência, ao mesmo tempo que mantêm e perpetuam uma relação econômica sustentável ambientalmente.

A escolha por narrar o fazer de um ofício tradicional nos permite valorizar um trabalho popular, transmitido por gerações, principalmente entre mulheres. Ao trazer uma figura como Dona Izabel, garantimos a importância de valorizar os saberes populares e o lugar de ouvir e contar histórias, mostrando o quanto é possível descobrir e aprender por meio delas, demonstrando quanto conhecimento técnico, e até mesmo científico, um ofício popular contém e preserva.

Narrar o Jequitinhonha e trazer as riquezas daquela terra combate a visão equivocada de um território uniforme e sem riquezas, oferecendo uma oportunidade de reconhecimento a toda cultura existente naquela região.

DICAS DE CONTEÚDO

Da paneleira à bonequeira: vida econômica, espaço doméstico e técnica da cerâmica em transformação no Jequitinhonha
- Reynaldo Moreira

Ensinando pensamento crítico
- Bell Hooks

Documentário
"Do Pó a Terra"
- Maurício Nahas



MOLDANDO ARGILA

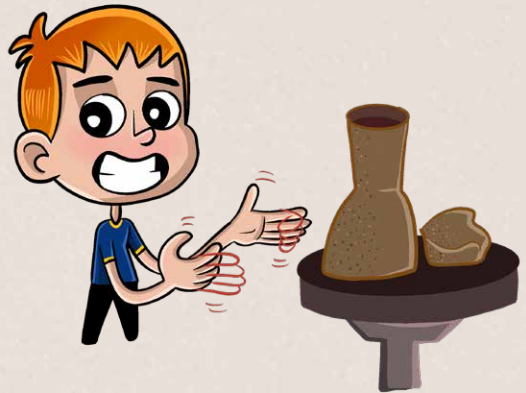
A criação de práticas que valorizem os saberes e ofícios ainda vistos como “femininos” pode ser uma via potente para a promoção de discussões e aprendizados sobre a igualdade de gênero, a desconstrução de padrões e a valorização da cultura e dos saberes populares.

A manipulação da argila está relacionada a um ofício ancestral, desenvolvido e praticado pelas sociedades humanas desde sua origem. O moldar da argila ultrapassa a criação de objetos de uso cotidiano, sendo também uma forma de expressão cultural e artística. Essas práticas tradicionais são, muitas vezes, ensinadas e perpetuadas de forma geracional entre as mulheres ceramistas. Assim, para além do valor material das peças, há a necessidade da valorização dos modos populares e artesanais de fazer e trabalhar a cerâmica no Vale do Jequitinhonha.

A gama de conhecimentos mobilizados por mulheres ceramistas vai desde a escolha da argila apropriada para modelar, passa pela mistura com a água e vai até a modelagem da forma e pelo controle da temperatura ideal para a queima. Escolher a argila apropriada passa pelo conhecimento do material: a argila provém das rochas sedimentares,

é composta, em geral, de argilominerais e minerais não argilosos, em diferentes proporções. Em geral, a argila ideal para ser modelada é Caulim, por suas características físicas e químicas, que são importantes para a facilidade do molde e resistência da peça. Portanto, a manipulação da argila e a confecção das bonecas são ofícios que, a um só tempo, abarcam aspectos artísticos e delicados, mas também possuem caráter técnico-científico, sustentável e de relevância social no sustento e sobrevivência das comunidades.

Por meio da atividade de moldar a argila, buscamos valorizar a arte cerâmica das mulheres bonequeiras do Jequitinhonha, uma relação mais sustentável com o meio ambiente e a riqueza da cultura popular mineira.



⁶ <http://mineralis.cetem.gov.br/bitstream/cetem/1047/1/11.Argila-CAULIM%20ok.pdf>

HORA DA PRÁTICA!

Materiais necessários:

- Pacotes de Argila (há várias cores de argila, escolha a que achar mais bonita!);
- Jornal;
- Vasilhas com água;
- Potes pequenos;
- Palitos de Picolé e outros utensílios para acabamento;
- Sisal ou cordinhas para enfeite.

Mãos à massa!

1. Proteja a superfície escolhida com um jornal;
2. Em um pote pequeno, coloque a argila e vá adicionando água aos poucos;
3. Vá misturando até ter uma consistência fácil de manusear;
4. Dê asas à imaginação e molde a argila como desejar;
5. Experimente formas e texturas;
6. No fim, é só deixar secar de dois a três dias e está pronta a sua peça.

Tem mais! Depois de moldar, se desejar, use canudos e palitos para criar padrões e texturas na sua peça.

Lembre-se de registrar as suas impressões sobre as atividades, práticas e suas próprias ideias!

Aqui valem fotos, vídeos, áudios e até mesmo anotações. Registrar o processo é uma forma de criar ótimos resultados.



Dicas que poderão te inspirar na jornada das contações de histórias.

- Cinderela e Chico Rei
 - Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho
- A Era dos Erês: Uma Era ao culto da Natureza e dos Orixás
 - Adriano Bitarães
- Omo-Oba: Histórias de Princesas
 - Kinsam de Oliveira
- Betina
 - Nilma Lino Gomes
- Os nove pentes d'África
 - Cidinha da Silva
- A ginga da Rainha
 - Iris amâncio
- Bino: O menino africano da cor de algodão
 - Marcial Ávila e Rosa Margarida de Carvalho Rocha
- O Congado para crianças
 - Edimilson de Almeida Pereira
- Meninas Negras
 - Madu Costa

VAMOS FALAR EM LIBRAS?

Você sabia que além do Português, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) também é uma língua oficina no Brasil? Que tal aprendermos um pouco de Libras?

Com a Libras, podemos nos comunicar por meio de sinais. Essa é a forma oficial de comunicação com as pessoas surdas. Agora, vamos aprender alguns sinais dessa língua:

PINTAR



ARGILA



MINAS GERAIS



OMAC



MÁSCARA



CULTURA



ÁFRICA



MINERAL



BRASIL



BONECA



⁷ BRASIL. LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 13. Mar. 2024.

NOTAS EM TERRA FIRME

O desenvolvimento, a execução e a continuidade do projeto *O Museu Atravessa a Cidade* é de grande relevância para as ações educativas desenvolvidas pelo MM Gerda - Museu das Minas e do Metal, assim como para as comunidades escolares que são nossas parceiras no projeto.

A escolha por abordar temas que discutem questões étnico-raciais, gênero, meio ambiente, ciência, sustentabilidade e cultura responde à uma demanda de diálogo e democratização do conhecimento acerca desses temas nos espaços escolares e, principalmente, com um público que, possivelmente, não conseguiria acessar o espaço físico do museu e suas múltiplas possibilidades educativas de outra forma.

Incentivar e possibilitar a reprodução de práticas, que contemplem temas de

relevância social de forma educativa, contribui para a formação de indivíduos que reconheçam e respeitem a diversidade de saberes, conhecimentos e culturas integrantes da sociedade. Da mesma forma, o projeto colabora na divulgação e popularização da ciência e da tecnologia, fortalecendo laços de identidades culturais e valorizando a diversidade cultural, de gênero e raça.

Agora, você tem autonomia e flexibilidade para replicar as atividades desenvolvidas até aqui, assim como liberdade criativa e suporte material para desdobrá-las em novas práticas e trilhar novos caminhos, seguindo no processo de discussão e conscientização sobre temas de relevância social com toda a comunidade escolar. Agradecemos por embarcar e descobrir tantos territórios conosco!

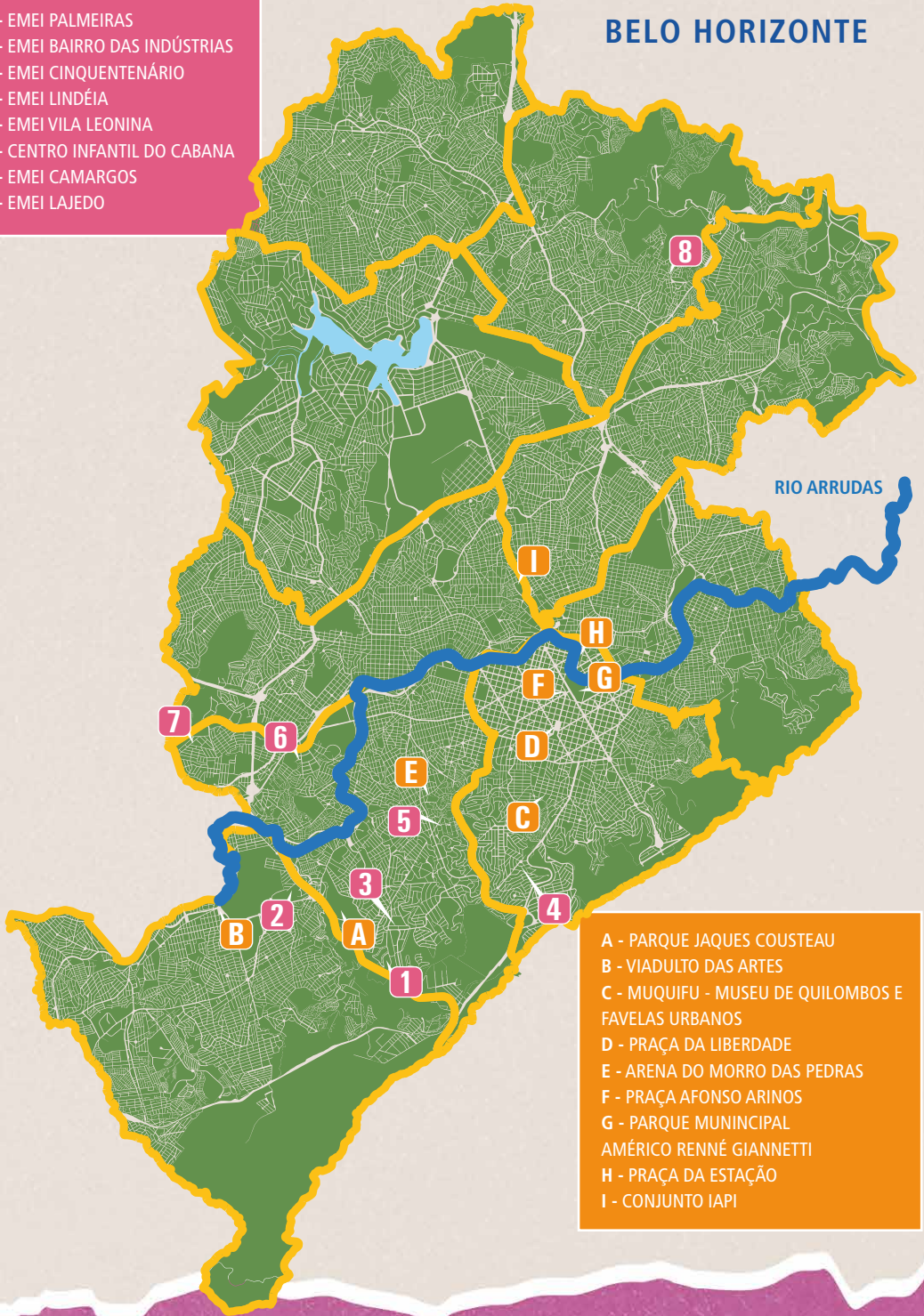
OUTRAS TRAVESSIAS

Nesta jornada, embarcaram conosco oito instituições públicas de educação infantil de Belo Horizonte. Elas se abriram para o novo, revisitaram o já visto e mergulharam noutros mares, permitindo novos visitantes em suas cartografias particulares. As narrativas que embarcaram conosco, recheando nossas malas de singularidades,

aqui também desembarcam, encontrando-se no coletivo e no produto das relações que construímos. Agora, viajantes experientes e responsáveis pela jornada que nos une, representantes de diferentes pessoas e territórios, desenhamos como terra firme o que ainda desejamos criar para o futuro.

BELO HORIZONTE

- 1 - EMEI PALMEIRAS
- 2 - EMEI BAIRRO DAS INDÚSTRIAS
- 3 - EMEI CINQUENTENÁRIO
- 4 - EMEI LINDÉIA
- 5 - EMEI VILA LEONINA
- 6 - CENTRO INFANTIL DO CABANA
- 7 - EMEI CAMARGOS
- 8 - EMEI LAJEDO



RIO ARRUDAS

- A - PARQUE JAQUES COUSTEAU
- B - VIADUTO DAS ARTES
- C - MUQUIFU - MUSEU DE QUILOMBOS E FAVELAS URBANOS
- D - PRAÇA DA LIBERDADE
- E - ARENA DO MORRO DAS PEDRAS
- F - PRAÇA AFONSO ARINOS
- G - PARQUE MUNICIPAL AMÉRICO RENNÉ GIANNETTI
- H - PRAÇA DA ESTAÇÃO
- I - CONJUNTO IAPI

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2004. 37p.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2010. 40 p.

_____. **Lei nº 10.639**, de 21 de dezembro de 2006. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, [2003]. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 10 mai. 2022.

BENTO, M. S. B. **Práticas pedagógicas para igualdade racial na educação infantil**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade - CEERT, 2011.

CUNHA JUNIOR, H. **Tecnologias Africanas** - Caderno Tecnologia Africana na Formação Brasileira. 1ª edição. Rio de Janeiro, 2010.

HALL, S. **Cultura e representação**; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOOKS, b. **Ensinando pensamento crítico**. Elefante Editora. 2020. 294 p.

MOTA, T. H. (org.). **Ensino Antirracista na educação básica**: da formação de professores às práticas escolares. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. cap. 1, p.13-26.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. 1ª edição. Companhia das Letras. 2019.

SOUZA, M. M. E. **Os Reis Negros no Brasil Escravista**. História da Festa de Coroação do Rei Congo. 2ª ed. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2014 (2002). p. 261-342.

TANAKA, B. **A história de Chico Rei** - Guia do Professor. Editora SM. 2015.

FICHA TÉCNICA

Direção Executiva: Márcia Guimarães

Direção Financeira: Pedro Andrade

Assessoria de Projetos: Luiza Macedo

Gerência de Relacionamento Institucional: Paola Oliveira

Coordenação Educativa: Cybele Guimarães

Coordenação Comunicação: Lucas D'Ambrósio

Concepção e Organização:

Adriana Souto Lemos Piantino

Allane Machado

Selena Leal

Lucas Ramon

Lorene Correia

Themis Lobato

Pesquisa e Texto:

Adriana Souto Lemos Piantino

Allane Machado

Bárbara Grillo

Selena Leal

Janaína da Silva

Lucas Ramon

Lorene Correia

Produção:

Janaína da Silva

Estagiárias:

Paloma Inacia da Silva

Juliana Cavalli

Sarah Queiroz

Ilustrações:

Lucas Ramon (Tikinho)

Revisão de Texto:

Luiza Macedo

Márcia Guimarães

Paola Oliveira

Design Gráfico:

Sal - Estúdio Criativo

Nº DO PROJETO: 1422/2022



**Lei de
Incentivo
à Cultura**
Lei Rouanet

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



INCENTIVO



CULTURA

**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**
trabalho energia coração

MINISTÉRIO DA
CULTURA

